

UNFORGIVEN / 1992

(Imperdoável)

Um filme de CLINT EASTWOOD

Realização: Clint Eastwood / Argumento: David Webb Peoples / Direção de fotografia: Jack N. Green / Production Designer: Henry Bumstead / Direção Artística: Rock Roberts e Adrian Gordon / Cenários: James J. Murakami / Música: Lennie Niehaus / Som: Alan Robert Murray e Walter Newman / Montagem: Joel Cox / Interpretação: Clint Eastwood (William Munny), Gene Hackman (Little Bill Daggett), Morgan Freeman (Ned Logan), Richard Harris (English Bob), Jaimz Woolvett (Scholfield Kid), Saul Rubinek (Beauchamp, o biógrafo), Frances Fisher (Strawberry Alice), Anna Thomson (Delilah), David Mucci (Quick Mike), Rob Campbell (Davey Bunting), Anthony James (Skinny Dubois), etc.

Produção: Warner Bros / Produtor: Clint Eastwood / Produtor Executivo: David Valdês / Cópia: em 35mm, colorida, versão original, legendada electronicamente em português / Duração: 130 minutos / Estreia em Portugal: 16 de outubro de 1992, nos cinemas Alfa, Amoreiras, Fonte Nova, Mundial, S. Jorge e Terminal / Primeira exibição na Cinemateca: 31 de março de 2010, ciclo “Grande Secundários: Morgan Freeman”.

Foi com este filme que Clint Eastwood viu finalmente estendidos a seus pés os encómios “institucionais” da Academia de Hollywood. Se, principalmente na Europa – como Eastwood não esqueceu de referir no discurso que fez aquando da cerimónia em que os Oscars lhe foram atribuídos –, já havia quem há muito tempo andasse a chamar a atenção sobre ele e sobre os seus filmes, para o *status quo* hollywoodiano Clint continuava a ser o “dirty Harry”, figura cara da bilheteira mas pouco levada a sério.

A **Unforgiven** assenta bem o epíteto de “western crepuscular”. Não só se trata de um *western* fora de tempo – a certidão de óbito do género é antiga – como é um filme sobre o próprio *western*, revisionista no sentido em que se propõe reformular os códigos clássicos do género. Eastwood não foge a esses códigos, eles estão, por assim dizer, no centro do seu filme; simplesmente, estão preenchidos de uma maneira diferente, de uma ambiguidade absoluta. De facto, se há uma moral neste filme, ela diz-nos que não há nem “bons” nem “maus”, que nem uns nem outros são assim tão fáceis de reconhecer, ou, no limite, que só há “bons” e “maus” conforme as circunstâncias.

Atente-se nessas figuras antagónicas que são as compostas por Eastwood e por Gene Hackman. A de Clint é um ex-pistoleiro reformado, que segundo todos, incluindo o próprio, cometeu no passado as maiores barbaridades. A de Hackman é um xerife, de métodos talvez pouco ortodoxos, mas que se encontra no lado classicamente “bom”, no lado da lei e da ordem. Na cena final, antes de Eastwood matar Hackman a sangue-frio, este diz-lhe que “não merece morrer assim”; o pistoleiro responde que “‘merecer’ não tem nada a ver com isto” e desfere-lhe o golpe fatal. É esta vacilação de todos os códigos tradicionais da moralidade que atribui a **Unforgiven** uma dimensão tão perturbante: de facto, noutro filme a personagem “positiva” seria a de Hackman, o bom xerife cumpridor e amante da ordem.

E é também aqui que o filme entra no noutro pormenor importante: a revisão de Eastwood à sua própria “persona” cinematográfica. Dir-se-á que o actor não faz aqui um papel muito diferente dos que o celebrizaram. Não é bem verdade: trata-se de um pistoleiro envelhecido, que passa o filme a cair do cavalo, a errar tiros, a ser espancado e a apanhar gripes. Mas sobretudo, e essencialmente no que toca à famosa personagem de Dirty Harry, ele está desta vez do “outro” lado. O polícia Harry tinha métodos menos ortodoxos do que os do Xerife de Hackman; agora, Clint elimina friamente aquela que pode ser vista como um emulo ancestral da sua personagem mais célebre. Sinais de um mundo que já não pode ser visto a preto e branco, onde o “ponto de vista” e consequente identificação está sempre do lado do mais forte – veja-se a facilidade com que a personagem do biógrafo troca de biografado, ao sabor das circunstâncias. E esta questão, a da “biografia”, a da narrativa entregue à produção de mitologia, não é um assunto nada secundário em **Unforgiven**. E se a biografia, assim como a mitologia, são em si mesmas uma “revisão” (atenção à cena em que Hackman conta o que *de facto* aconteceu no episódio que consagrou a aura do English Bob de Richard Harris), **Unforgiven** será sobretudo uma “revisão da revisão”, um regresso a um mundo ainda não poluído pela sua própria “lenda”, onde o “heroísmo”, mas do que um traço objectivo e constitutivo das personagens, é o resultado de uma feliz conjugação das circunstâncias. Ou, como diz lapidarmente William Munny depois do tiroteio final, “I guess I was just lucky”.

Por isso, este é o filme que melhor complementa, trinta anos depois, o **The Man Who Shot Liberty Valance** de John Ford. Como o James Stewart desse filme, também o espectador de **Unforgiven** compreenderá que “a lenda que se sobrepõe aos factos” não é uma coisa muito optimista nem reconfortante. Matar um homem, diz a personagem de Eastwood na soberba (e tão moralmente “crepuscular”) cena com o Kid no topo da colina, “é tirar-lhe tudo o que tem e tudo o que terá”. E conclui que “it’s a hell of a thing killing a man”. Tantas vezes se chamou a Clint Eastwood “o último dos clássicos” que acabámos por acreditar. Mas, na sua revisão sistemática da figura do “herói”, nos filmes e na História americana (como depois, e de maneira muito explícita, em **Flags of our Fathers**, que tem muitos pontos de contacto com **Unforgiven**), e na sua contínua abordagem da relação da América com a sua própria “lenda”, talvez o mais correcto fosse chamar-lhe “o primeiro dos modernos”. Rever **Unforgiven** é encontrar (mais) razões para pensar assim. Indubitavelmente um ponto nevrálgico, na obra de Clint mas também na história do moderno cinema americano.

Luís Miguel Oliveira